

# Fanzine Aefarrabios

Ano 0 - n V - novembro 2017

Novembro  
mes da consciencia

Grupo Vissungo



NEGRA

## Andréia Evangelista



é geminiana de Niteroi, índiga de 1983. Atua como performer utilizando o corpo como resistência psicossocial.



Não consigo dormir antes de me conversar. De me namorar. A melhor companhia. Não sei se tenho cura. Em busca do prazer integral. Querem brigar briguem vocês! Ando querendo desvendar. Reviver. Relembrar.  
Amor sem anestesia.



{Andreia Evangelista

{Andreia Evangelista





Poeta, ensaísta, romancista, compositor e cantor de samba, jazz e blues.

Parceiro e biógrafo de Delcio Carvalho.

Autor de

Poemas Malditos,

Poemas do Rasgo da Hora,

Poemas em Riste,

Poemas em Cortes Profundos e

Poemas da Morte Presumida

---

## BLACK IS DEFINITELY BEAUTIFUL.

Este sempre foi um país eminentemente racista. Não faz sentido colocar panos quentes e dizer que a situação está melhorando consideravelmente ou que a mentalidade das novas gerações é mais aberta e coisa e tal.

Basta, para confirmar o que digo, verificar o número de descendentes africanos nas universidades, o alarmante e inexpressivo número de descendentes africanos que ocupam posições de destaque nas corporações e verificar ainda, na maioria das atividades comerciais, o número de descendentes africanos que padecem atrás dos balcões de lojas.

Vejo pouquíssimos descendentes africanos gerenciando restaurantes, mas vejo muitos deles atuando como flanelinhas nas ruas das cidades. Vejo pouquíssimos descendentes africanos completando o mestrado ou o doutorado nas universidades deste país. Vejo livros didáticos ainda excluindo personagens de descendên-

cia africana, vejo imagens de um Cristo branco e de olhos azuis quando todos nós sabemos que não era essa a cor original do messias, vejo o silêncio intrigante dos padres em relação a isso, vejo devotos que nem sequer refletem sobre tal coisa.

Vejo igualmente com tristeza o genocídio destas pessoas sendo encoberto por esta mídia escravocrata e irresponsável que nos tortura com esta torrente de informações truncadas e inúteis.

Ligamos a televisão e notamos que a esmagadora maioria dos apresentadores é branca. Os apresentadores de rádio de maioria branca, os programas em geral com maioria branca.

Critica-se o programa de cotas, mas se olharmos para trás veremos que o mesmo se justifica historicamente, haja vista o caráter opressivo que jamais permitiu que os representantes desta etnia pudessem ter acesso à educação.

Não cabe aqui traçar a origem do racismo, fato este que nos aprisionaria nas questões metafísicas de origem e proveniência.

Vale sempre salientar o aspecto discricionário que permeia as almas destes autômatos que desde cedo são levados a odiar o cheiro, a compleição física, o cabelo e o nariz diferenciado, segundo eles, dos pejorativamente chamados de negros. São comparados a macacos e não são poucos os processos na justiça por causa de tal situação.

São muitos os caçadores de bruxas neste país assim como na América do Norte. Os grupos racistas vem se proliferando perigosamente ao redor do mundo e aqui no Brasil também.

Louis Armstrong, Billie Holiday, Martin Luther King, Abdias do Nascimento, Zumbi dos Palmares, Cartola e tantos outros descendentes africanos abrilhantaram e sempre marcarão a história deste mundo.

O racismo é injustificável e os descendentes africanos não são e nunca foram intelectualmente inferiores como afirmam alguns grupos religiosos e fascistas.

Devem estar em igualdade de condições com os outros grupos étnicos para que possam galgar melhores e mais dignas posições na teia social.

Se, como dizem os almofadinhas de plantão, o programa de cotas coloca na universidade pessoas em condição de inferioridade em termos de aprendizado, tem-se que criar um programa de reforço para este aluno ou aluna que nunca teve chance de chegar onde chegou.

Existiu uma história, um passado de massacre sistemático e embotamento mental quer queiramos ou não.

Quando fui tirar o meu certificado de reservista colocaram cor parada no referido e muito me orgulhei deste fato.

Conquistas mínimas foram alcançadas decerto, mas temos que ter consciência de que falta ainda muito para que esta situação possa ser equiparada e quem sabe um dia definitivamente revertida.

## Tchello d'Barros

Escritor e artista visual, vive e trabalha em Rio de Janeiro. Dedicou-se desde 1.993 à criação de poemas, poemas visuais, contos, desenhos, pinturas, gravuras, fotografia, performance, instalação e videoarte. Seus temas principais são sobre sociedade, política, fé, sexo, relações humanas e cotidiano. Publicou 6 livros de poemas e possui textos em mais de 50 antologias, coletâneas e livros didáticos. Com 31 exposições individuais, suas imagens já participaram de mais de 100 exposições coletivas. Coordena a itinerância da exposição “Convergências”, retrospectiva de seus poemas visuais e realiza curadorias de Poesia Visual e Arte Postal.

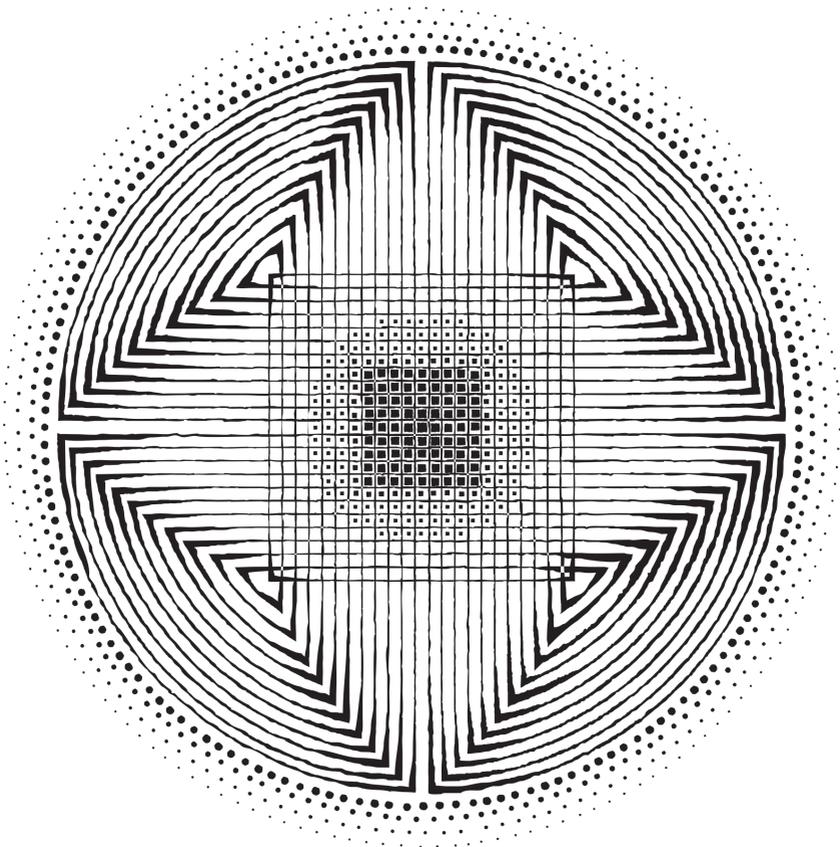


Tchello d'Barros

tchello@ufrj.br

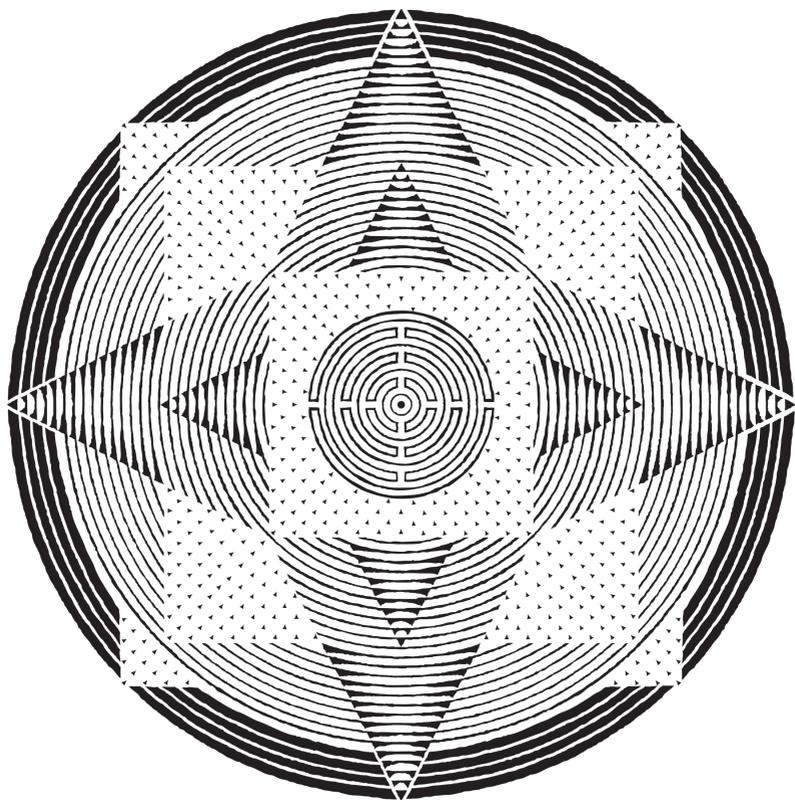
FB: Poesia Visual / Visual Poetry - Tchello d'Barros

Rio de Janeiro (RJ) Brasil



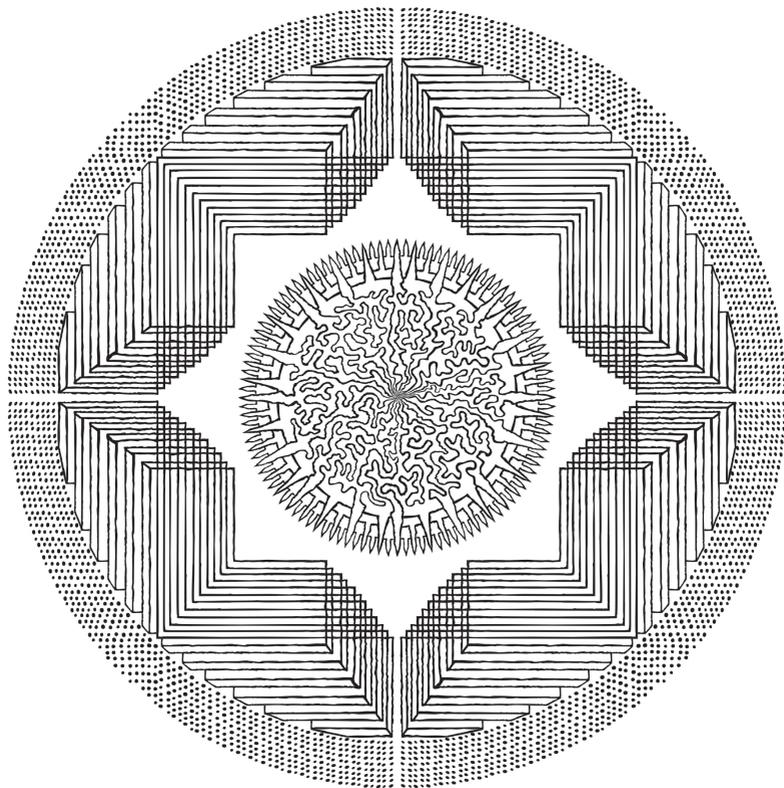
Pontos Convergentes I

{Tchello d'Barros



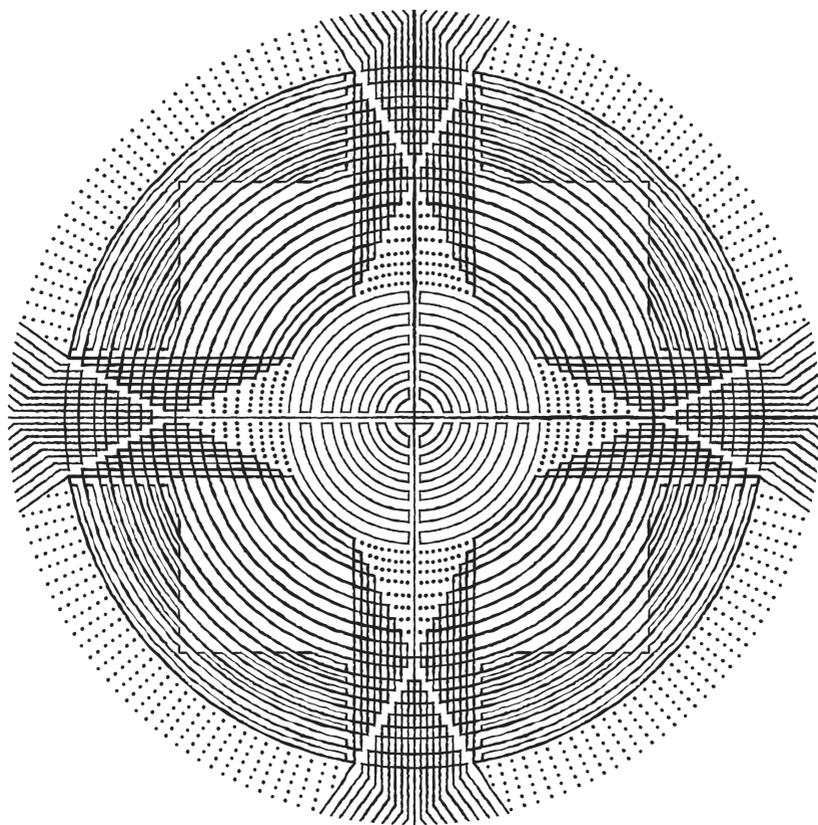
Pontos Convergentes II

{Tchello d'Barros



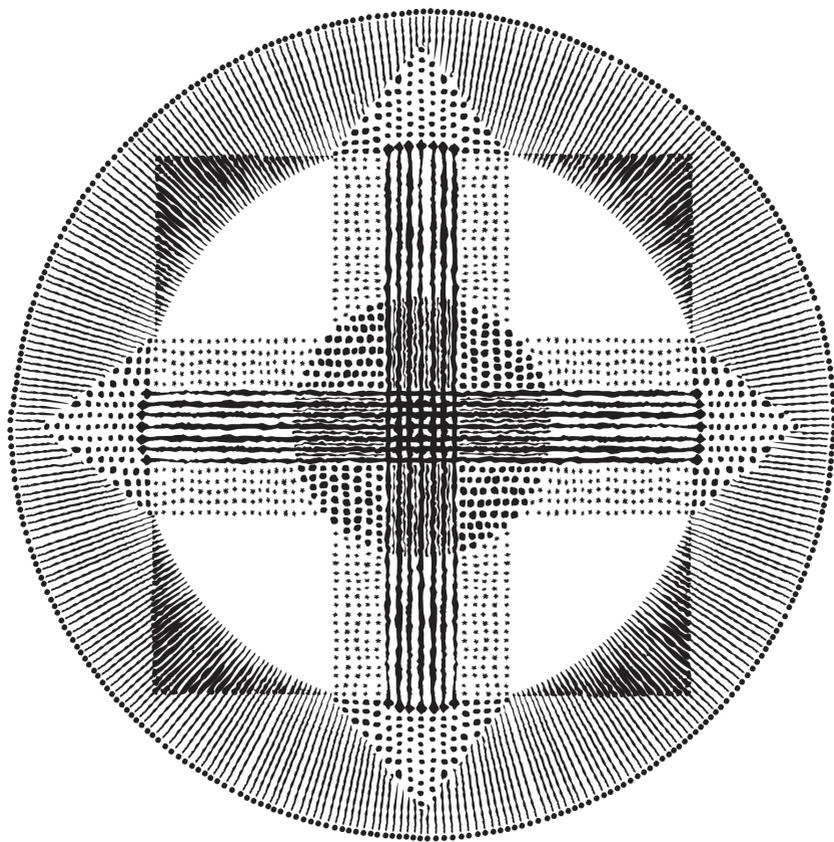
Pontos Convergentes III

{Tchello d'Barros



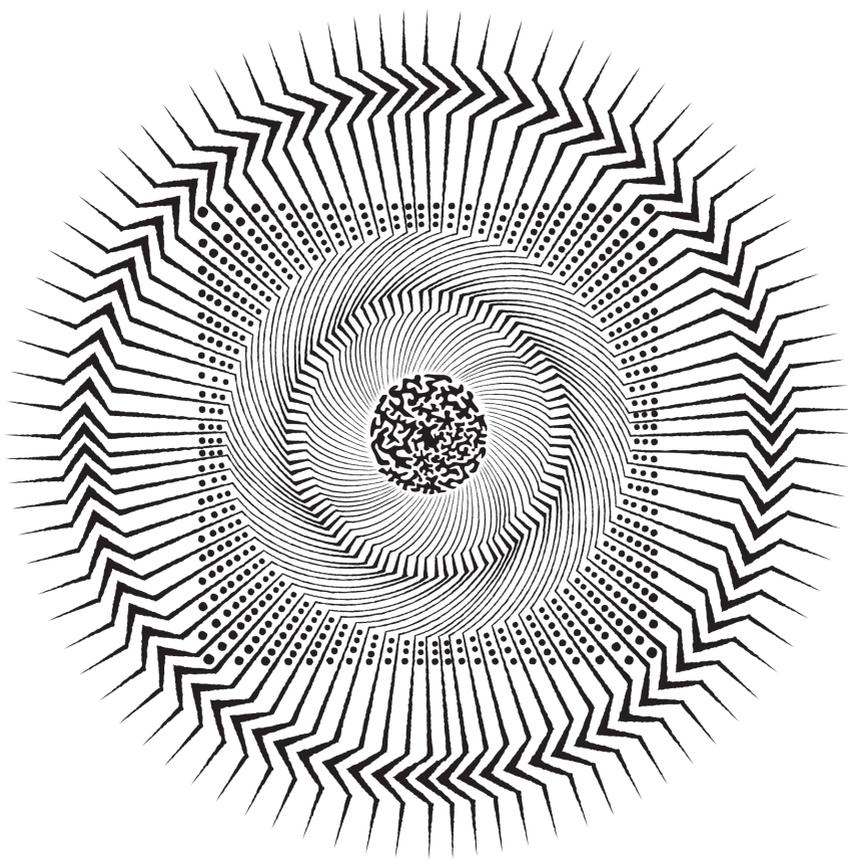
Pontos Convergentes IV

{Tchello d'Barros



Pontos Convergentes V

{Tchello d'Barros



Pontos Convergentes VI



Marco Valença é poeta, compositor,  
fotógrafo.

[www.marcovalenca.com](http://www.marcovalenca.com)

.....

---

## CLAROS E ESCUROS

é da noite de um ventre  
onde cada um de nós esteve  
que a vida, já luminosa  
é dada à luz

e dali o primeiro choro  
e o grito e a voz de existência  
num mundo de todas as cores  
inclusive a nossa

a de cada um  
dos comuns que nascem nós

{Marco Valença

depois são zilhões de histórias  
 de cada qual, para todos nós  
 entre línguas e facas que se afiam  
 entre congregações e diásporas  
 a todo e cada  
 santos ou satanados dias

[marco valença.

set.2017.]

## ESCUROS E CLAROS

um dia cedo, um dia à tarde  
 café com pão, café com leite  
 café com não, fé não se mente  
 olhos atentos aos óleos bentos  
 um dia marte, um dia vênus  
 cria de pai, mãe ou comadre  
 um dia tarda noite adentro

{Marco Valença

sou doce azeite amarelo  
 feroz no coentro verde  
 não trago peixe no anzol  
 remanso na curva rede

sou fogo azeite vermelho  
 atroz no dendê quente  
 não faço lua de sol  
 não peço a ninguém que aceite

um dia cedo, um dia exijo  
 um sim, um não, um simplesmente  
 olhos sem lágrima aparente  
 as mãos no trato de temperos  
 um dia parte, um dia inteiro  
 gosto de sal, fel ou granizo  
 e a vida passa como o vento

[marco valença.  
 set.2017.]

---

## MILHÕES DE TONS COLORIDOS

{Marco Valença  
 não há arcos-íris maiores  
 que os azuis ou os cinzas dos céus  
 não creio em vidas menores  
 de gentes e bichos e plantas e minérios  
 e nem em palavras ao léu  
 cada um de nós padece

da luz do oxigênio  
ninguém aprende a respirar  
ou a amar, sábio ou ingênuo

não há sol no fim do túnel  
ou escuridão no início  
não há clarão ou breu mais provável  
que o amor que sempre age e unge  
com prismas de todos os lumes

cada um de nós acontece  
no mundo não como um fato fútil  
não há destino traçado  
e a vida não se metra ou mede  
em cores ou posses ou rimas  
em sexos, em gestos, carismas  
somos as flores nos topos dos cumes  
e somos nas fossas os grãos das sementes

[marco valença.

set.2017.]

{Marco Valença

PULSA A SEIVA

aqui no quintal  
na lata plantada  
a espada de ogum  
tem em sua ponta uma estrela

que traz o céu inteiro  
para este canteiro  
para este cantar

bênção de visão  
vida que contempla

da planta comum  
a compreensão e um tema

aqui é o total da vida  
onde e quando  
não se cisma nem teima

e a veia queima

[marco valença.  
set.2017.]



Professora de Dança e Dançarina, Atriz. Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a Cia Teatral Atuando Actus. Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos e Poetas Raios de Sol

Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Núcleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)

Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos em Niterói



## Zumbi Somos todos Nós

Zumbi Lutou Contra a Escravidão.

Vamos nos Conscientizar.

Não deixar se Escravizar.

A sua Importância é Grande na História.

Lutou pela Igualdade...

Pelos Direitos dos Negros que ainda Sofrem Discriminação.

Nascido em um Quilombo lutou até a Morte para Defender seu Povo da Escravidão.

Dos mais Velhos Conhecia as Histórias de Mortes.

Sofreram na Escuridão das Senzalas...

Os Trabalhos Escravos e os Castigos Sofridos.

Somos todos Zumbi!

Chega de Racismo!

{ JammY Said

Vamos ser todos Amigos.  
Queremos todos Juntos Unidos.  
Todo tem seus Lugares.  
Independente da Cor.  
Igualdade, Respeito, União e Amor.

Autora: Jammy Said



## **Todos Somos Iguais**

Abriram-se as Correntes.  
Vamos dar as Mãos...  
Olhar nos Olhos...  
E Pulsar o Coração.  
Todos Somos Iguais!  
Levantem as Mãos...  
Com Emoção..  
Prestem Atenção!!  
Somos Iguais todos os Dias.  
Libertem-se das Demagogias.  
Resgatam suas Identidades Diariamente.  
Somos Seres Humanos.

Respeito não tem Cor.

Respeite a Liberdade do Outro.

O Racismo é uma Prisão.

Vamos ter mais União.

Preconceito é um Problema Grave.

Devemos Respeitar e Zelar pelo Próximo.

Preconceito leva a Discriminação, a Marginalização e a Violência.

Vamos Conhecer o Outro, saber do Outro..

Ter a Delicadeza da Aproximação.

Desmonte o Preconceito.

Aproxime-se, Conheça, Toque, Acolha.

Mais Afeto!!

Mais Amor!!

Autora: Jammy Said



José Antonio de Carvalho e Silva  
 Químico Industrial  
 Engenheiro Industrial – M. Sc.  
 Psicólogo Clínico  
 Escritor  
 Conferencista

## O diário de um esquizofrênico

Pode vir Dr. Ary, Dr. Pavel, Dr. Teixeira! Pode vir Dr. Eurico! Gritava Aguiomé, em mais uma de suas recorrentes evocações do nome daquele quarteto de doutores, e isso ele berrava para frisar que nem mesmo a presença deles impediria que ele consumasse as ameaças que fazia. E por que com tanta frequência a lembrança daqueles doutos senhores que trabalhavam em um hospital psiquiátrico assomava ao seu desvairado discurso? Ocorre que Aguiomé era diagnosticado como esquizofrênico. Ou, nervoso, na forma eufemística muito em voga nos anos da década de 1950. E era nessa década que comumente se prescrevia um tratamento de doentes psiquiátricos à base de aplicações de eletrochoques. Acreditava-se que de alguma forma as descargas elétricas, ao provocar convulsões no paciente, trariam um aumento na quantidade de substâncias químicas cerebrais associadas à saúde mental. A imprecisão dos equipamentos utilizados na época não permitia aos médicos um adequado controle da intensidade dos eletrochoques. O sofrimento era enorme, e as seqüelas físicas e psíquicas dos submetidos àquela tortura poderiam ser bastante graves. O po-

{ José Antonio de Carvalho e Silva

bre Aguíme guardaria por longos anos indelével lembrança desse processo que, de resto, nenhum benefício lhe trouxera, e é bem provável que só tenha logrado como efeito uma agitação ainda maior de seus demônios. Talvez seja essa a razão pela qual, para horror de todos os familiares que presenciaram a cena, Aguíme ter inopinadamente investido sobre o seu próprio pai placidamente assentado em sua cadeira e o jogado ao solo. Seria uma desforra contra o velho Ramalho, o patriarca da família, por tê-lo, na melhor boa-fé, conduzido aos eletrochoques.

Aguíme fora particularmente desfavorecido pela natureza. Baixo, media menos de um metro e sessenta. Magérrimo, vestia sempre um traje marrom sebento e encardido ao qual faltava apenas a gravata para caracterizar o social completo. E mais encardida ainda era a pele de seu corpo, carente de mil banhos não tomados ao longo de tantos anos. De negros e engordurados cabelos despencava um turbilhão de caspas sobre os seus ombros. De suas orelhas projetavam-se inacreditáveis tufos de pelos jamais aparados. Sobre essa circunstância ouviram-no lamentar-se: – É muito triste ter cabelo na orelha! Suas compridas unhas abrigavam toda a sorte de sujidades. Sobretudo a esquizofrenia o martirizava. Demônios interiores assaltavam-no dezenas, centenas de vezes por dia, da maneira mais imprevisível, alterando o seu estado de humor em frações de segundos. Hora estaria conversando dócil e coerentemente, hora, de súbito, suas faces se crispavam, seus olhos chispavam ódio, tornava-se uma figura extremamente agressiva e assustadora. Em sua loucura proclamava insânias e blasfêmias terríveis, em um caminhar nervoso ou em disparadas pelo vasto quintal da enorme mansão envolta em lendas e assombrosas histórias.

Com efeito, Aguíme, era por tudo e por nada, acometido de surtos que o faziam passar de um estado de tranqüilidade para o de uma louca agitação, o que sequer o deixava comer até o fim o

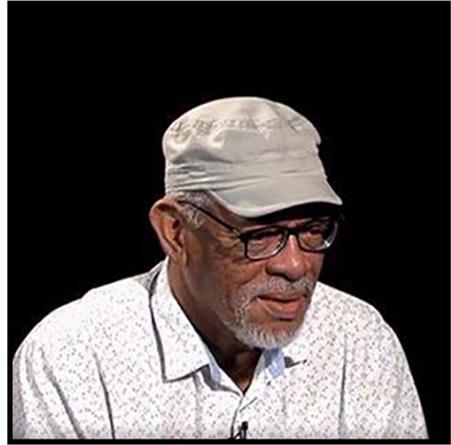
prato de comida que sua mãe lhe preparava, e deixava guardado no grande armário embutido na parede da cozinha, à espera de que o transtornado o tomasse. Aguíme comia em garfadas nervosas, mal mastigando o alimento, e sempre em movimento. A qualquer perturbação por um estímulo externo ou interno deixava o prato de lado. Quando calmo, era até afável, tinha cultura geral e estava sempre informado do que se passava no mundo. Guardava curiosas lembranças, como a de ter apertado a mão do presidente Getúlio Vargas. Nesse estado, ele podia ser um grafiteiro a espalhar suas elucubrações e fatos do cotidiano pelas vastas paredes da mansão. Poderiam ser meras trivialidades cotidianas como: “Os gases na barriga da gente” (odiava flatulência); “Guimézinho, Guimézinho, você está bom, Guimézinho?” (como certa feita uma de suas cunhadas lhe saudara); “Trocou um galo cheio de peste por uma begônia” (uma referência a uma insólita barganha entre dois vizinhos). A veracidade de suas afirmações poderia ser seguida de garantias: “Quero que o raio me parta em trilhões de pedaços!”; “Quero parir até filho!” Ou fundamentar-se em juramentos bizarros: “Juro pela felicidade de Anísio!” (um descolado vizinho); “Juro pela alma dos coqueiros!” Seus escritos também poderiam expressar delirantes aspirações: “Quero ser mais forte que o aço que derrete para fazer trilho de bonde!” Ou ainda expressar tonitruantes extravasares de fúria, como na noite em que, por já ser um pouco tarde, decidiu-se que sua sobrinha Tuly não deveria voltar para sua casa, mas, sim, dormir lá onde estava, na casa da avó. Aguíme odiava tomar conhecimento de fatos consumados. Ele particularmente se inquietava ao deparar-se com alguém que não vira entrar na casa ou no vasto terreno e, de forma agressiva, inquiria o incauto: “Poça! Poça! [Pôxa! Pôxa!] Por onde você entrou, hein? Por onde você entrou?” Sua exasperação poderia ser tal que o “invasor” se visse obrigado a bater em retirada, por vezes sob ameaça física. Ao saber que Tuly dormiria em sua casa, Aguíme tornou-se possesso, começou a berrar sua fúria em ameaças e impropérios e,

subindo em uma cômoda na copa da casa, escreveu na parede em letras garrafais:

SEMPRE NA HORA DE DORMIR,  
OS DEMÔNIOS, OS DIABOS E A  
RAIVA

Mas daquela feita, a velha e paciente Dona Lúcia, que suportava quase todas as loucuras naquele verdadeiro hospício, tomou uma escova e obrigou seu filho a esfregá-la contra o grafite, até remover aquelas citações nada condizentes com um lar que se propunha católico. Aguíme obedientemente executou a tarefa, mas não a fez bem, de modo que marcas perfeitamente legíveis daquela barbaridade permaneceram na parede até a demolição da casa, muitos anos mais tarde. As centenas, milhares de grafites postados em seus muros e paredes, um valiosíssimo patrimônio para estudos sobre a esquizofrenia, estavam perdidos para sempre.

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



## Música Popular Preta e MPB branca

Em 1975, em plenos anos de chumbo, foi criado no Rio de Janeiro um conjunto musical chamado Grupo Vissungo.

Em 1974, ainda sem nome definido, o grupo teve como antecedentes o trabalho do trio formado por Spirito Santo (vocais, violão e percussão), seu irmão Luiz Antônio – Lula – (contrabaixo, bandleim, cavaquinho e vocal) e Roosevelt da Silva (Violão).

É já desta fase a adoção do principal elemento da proposta do grupo, aquele que o caracteriza definitivamente: a pesquisa da cultura negra do Brasil, e a tentativa de construir, a partir desta pesquisa, um conceito de música negra brasileira moderna, coisa impen-sável naquela época contraditória, onde a onda vanguardista da MPB não chegava até a cozinha da tradicionalíssima música negra, espécie de ‘reserva técnica’ do folclore nacional.

A idéia ‘contraculturalista’ de uma música negra ‘pop’, era eletrizante para o clima de resistência cultural contra a ditadura, que impulsionava a juventude artística, muito criativa e atuante da época, rumo ao mergulho de cabeça na experiência pop-vanguar-

dista-nacionalista que foi o ‘Tropicalismo’.

Mas havia também a não menos profunda busca da sutil modernidade contida na música do ‘Brasil profundo’, pesquisa inaugurada pelo fabuloso Quinteto Violado, que fazia uma interessante fusão entre a música tradicional nordestina (como a rica escala afro-ibérica de Asa Branca, de Luiz Gonzaga) com certos aspectos, digamos assim, mais avançados da chamada moderna música popular brasileira (expressos na obra de Edu Lobo, por exemplo), com elementos de jazz e música semi-erudita, num caldeirão de muita inventividade e desprendimento.

O nome do Grupo Vissungo, no contexto desta proposta, foi extraído então da expressão ‘Vissungo’ (‘Ocisungo’, hino ou canção no idioma Umbundo de Angola) que denominava cantos de trabalho da região do garimpo de ouro e diamantes em Diamantina, Minas Gerais, no tempo da escravidão.

Esta característica ‘antropológica’ da proposta, em particular, acabou por revelar, de maneira fortuita, uma ligação direta entre os dois irmãos fundadores (Antônio e Lula Espírito Santo) e seu mais remoto passado. Descobriu-se assim, no transcorrer da pesquisa que a família dos dois, pela linha paterna, muito provavelmente, havia sido iniciada por um antepassado vindo de Angola, que havia sido escravo exatamente naquela região e, como tal, poderia ter um dia cantado vissungos.

Coisa do destino talvez, gravado como memória genética.

Ainda em 1974, já com esta mística proposta definida, o grupo adota, durante um curto espaço de tempo, o nome de ‘Sararamiôlo’, agora formado também, além dos irmãos Espírito Santo (Antônio e Lula), pelos também irmãos Carlos ‘Codó’ Brito (que substituiu Roosevelt) e Lena ‘Codó’ Brito (filhos do grande violonista bahiano Clodoaldo Brito, o ‘Codó’). É assim que, agora como um quarteto,

{ Espírito Santo

durante ensaios do recém construído prédio do DCE da UFF, nasce oficialmente com este nome em 1975, o Grupo Vissungo.

É desta fase a criação das bases estético-musicais do trabalho do grupo, representadas pelo casamento entre a pesquisa de campo em comunidades negras do interior do país, e o aprofundamento dos ricos elementos de modernidade eventualmente contidos nas inusitadas escalas desta música tradicional. Este aprofundamento nascia, principalmente, do senso harmônico de Carlos Codó, herdeiro da erudição do violão de Codó pai, professor emérito, desde a Bahia, de muita gente boa, tal como João Gilberto, Caetano Veloso, Egberto Gismonti e Gilberto Gil (com quem o autor chegou a cruzar, entre uma aula e outra, na casa de Codó, no bairro do Estácio, no Rio).

Esta fase é inspirada também nas sugestões apaixonadas do historiador e acadêmico José Maria Nunes Pereira, um especialista em cultura angolana que, já na fase anterior (Sararamiôlo), chamava a atenção do grupo para a enorme beleza da música africana real. Esta fase seminal, culmina com a descoberta, por parte do grupo, da grande similaridade existente entre a cultura negra tradicional do Brasil e o que, em termos musicais, ocorria na África contemporânea – notadamente Angola e Moçambique.

A grande questão neste momento é que, apesar de se estar vivendo uma época (1978 ) de grande efervescência cultural, musical principalmente, havia muita restrição – e até um certo desprezo por parte do meio musical em geral (e do mercado fonográfico em particular), por abordagens artísticas voltadas, diretamente e de forma mais aprofundada, para a cultura negra. Tolerava-se o Samba convencional e algumas poucas propostas de forma genérica denominadas ‘Música Afro’, geralmente adaptações de pontos religiosos tradicionais, extraídos do Candomblé e da Umbanda.

No âmbito da música essencialmente afro-brasileira, dominada

por um purismo exacerbado, a modernidade era, portanto, rigorosamente, um conceito tabu. A releitura criativa, a experimentação e, principalmente, a utilização livre de instrumentos ‘acústicos’, convencionais, misturados com instrumentos eletrônicos, como contrabaixo e guitarra por exemplo – marcas essenciais da proposta do Vissungo – já inseridos em outros gêneros musicais desde o final da década de 60 (onde pontificou o ícone “Alegria, alegria”, com Caetano Veloso e o grupo de Rock argentino ‘Beat Boys’) não eram, estranhamente, bem tolerados nas poucas bandas e grupos de música negra existentes.

Este comportamento conservador do meio musical, de certo modo, forçou o Grupo Vissungo a participar, de forma militante, no chamado Movimento Negro, tornando-se uma espécie de símbolo musical da luta antiracista carioca naquele momento.

No entanto, do ponto de vista de suas preferências culturais, havia uma curiosa contradição se instalando no seio deste movimento negro emergente que, embora firmemente interessado na erradicação do racismo no Brasil, passava a subestimar – ou mesmo ignorar – em suas estratégias e políticas, as eventuais lições advindas da luta anti-colonialista, ainda em curso em Angola e Moçambique, para exercer no âmbito externo, uma atração política, de certo modo exagerada, imitativa e acrítica, pela cultura negra norte americana, notadamente, a chamada Black Music, trilha sonora essencial da luta dos Panteras Negras e do neo islamismo de Malcom X.

Neste mesmo sentido, no plano interno, tornando suas opções culturais desta vez francamente elitistas, este Movimento Negro passou também a privilegiar uma cultura negra idealizada e, de certo modo oficializada já que, referendada por teses de mestrado de eminentes etnólogos, privilegiava muito mais o Candomblé bahiano e produtos sucedâneos, em detrimento da música negra

de Minas Gerais, São Paulo e do próprio Rio de Janeiro (para ficar só nos exemplos da região Sudeste) música oriunda das colônias e ex-colônias de língua portuguesa que mandaram escravos em maior número para o Brasil, exatamente a vertente para a qual, por coerência artística, o Grupo Vissungo se voltava nesta época.

São estas contradições culturais que, afetando o mercado musical de um lado e o Movimento Negro de outro, introduzem o Grupo Vissungo numa crise de identidade que o leva a se afastar um pouco de sua proposta artística original, de vanguarda, interessado em contribuir na superação desta contradição que ameaçava afastar – como por fim afastou- o Movimento Negro brasileiro de suas bases populares mais evidentes.

### **Aniceto e Clementina, cadê vocês?**

É ainda na tentativa de superar estas limitações ‘de mercado’ que o Vissungo radicaliza seu mergulho nos meandros da música negra tradicional, se ligando á figuras essenciais como Clementina de Jesus (por impulsão da Fundação Cultural de Curitiba, dirigida á época por Jaime Lerner, que nos une à Clementina num show antológico no Teatro Paiol) e João do Valle, ícones da década anterior, lançados nos shows ‘Opinião’ e ‘Rosa de Ouro’, mas, de novo caídos no limbo do esquecimento, fora do mercado.

Uma das histórias mais engraçadas (e curiosas) desta fase foi a de um fanático seguidor que havendo achado um pandeiro num ônibus de Niterói, seguia o Vissungo por toda parte, praticamente implorando para ingressar no grupo, mesmo não sabendo tocar rigorosamente nada e, sob o risco – totalmente infundado, pode perceber depois – de ser recusado e execrado pelo grupo por ser completamente branco.

Ilton Mendes, o personagem desta história, começou assim a sua carreira de herói do Samba, estreando no show com Clementina

em Curitiba, para anos depois criar, no final dos anos 80 um dos principais ‘templos’ do Samba autêntico e popular do Rio de Janeiro: O Bar Candongueiro, em Niterói.

Neste mesmo sentido, um pouco mais tarde, o grupo se liga profundamente a Aniceto do Império Serrano, figura histórica do samba carioca mais profundo (um dos maiores especialistas em Partido Alto), relegado ao total ostracismo na ocasião e grande influência no trabalho do grupo a partir de então.

A fase se caracteriza também pelo aprofundamento, por parte do grupo, de sua pesquisa de campo, exercendo de forma militante a difusão da música africana, principalmente angolana, não só em seus aspectos originais, como também em sua expressão afro-brasileira, principalmente, o Jongo e a Congada. A experiência, flagrada pela revista Cadernos do Terceiro Mundo, editada por asilados brasileiros no México e distribuída mundialmente, deu ao Grupo o status de boa referência neste campo, não só em seu viés, francamente, antropológico, como em sua opção pela difusão de aspectos da cultura popular do interior do Brasil que viviam, solememente, esquecidos nos grotões.

O radicalismo desta fase, acentuando a crise de identidade, provocou um racha no grupo e a posterior dispersão de alguns de seus membros originais – entre os quais Lula Espírito Santo – que decidiram tentar penetrar no mercado sob a forma de grupo de Samba convencional.

Sobrevém uma fase de muito engajamento e alguma incerteza artística, com a adesão de músicos de diversas procedências, compondo formações apenas adequadas, a um repertório onde predominava a música negra tradicional do interior da região sudeste do Brasil. As fusões mais recorrentes eram entre a música tradicional de Minas Gerais, e canções revolucionárias de colônias, como Angola, Guiné Bissau e Moçambique, que promoviam uma sangrenta

guerra de libertação contra a metrópole portuguesa. Pontificavam no repertório, letras do poeta Agostinho Neto, musicadas por Rui Mingas, ambos angolanos e de José Carlos Schwarz, compositor e guerrilheiro guineense, gravado em disco produzido por Miriam Makeba.

Por vias transversas no entanto, esta fase (meados da década de 80) foi muito bem sucedida pois representou enfim, o ingresso do Vissungo no mercado fonográfico, a partir da autoria, junto com Wagner Tiso (e a voz de Milton Nascimento) da premiada trilha sonora do filme Chico Rei de Walter Lima Júnior. O disco citado, gravado pela Som Livre – único da carreira do Grupo Vissungo até hoje- contém entre outras pérolas, o último registro em estúdio da voz de Clementina de Jesus, cantando a introdução da música Xico Reyna (de Espírito Santo e Samuka).

São integrantes desta fase, entre outros, os violonistas Laercio Lino e o multiinstrumentista Antônio Naval, acordeonista Tonico Pereira e o cavaquinista Adão Hilton, cada um a seu modo contribuindo para a concepção do trabalho que acabou sendo registrado, em parte, no vinil de ‘Chico Rei’.

...”O épico Chico Rei deu continuidade ao projeto de um cinema histórico mais atento às elaborações mitológicas que ao rigor das versões acabadas. Lima Jr. usa a história do primeiro escravo a se tornar dono de ouro no Brasil para investigar as suas próprias raízes negras.

O Grupo Vissungo, em sua fusão de arte e militância, teve papel decisivo na formatação sonora do filme, que ainda mobilizou ícones da música negra brasileira como Milton Nascimento, Clementina de Jesus, Naná Vasconcelos e Geraldo Filme. “

Trecho do artigo “um cinema que quer ser música” de Carlos Alberto Mattos Publicado na revista Veredas (CCBB/Rio, Nov-2000)

Seguiram-se a participação do grupo nos discos de carreira de Milton Nascimento ('Encontros e despedidas'), Wagner Tiso ('Branco & Preto/Preto & Branco') e Tetê Espíndola ('Gaiola').

A crise de identidade do Vissungo, no entanto, prossegue pois, a vocação original do grupo na busca da modernidade artística (interrompida no início da década), só poderia ser retomada, se contasse com novos músicos com talento, experiência e vontade para encarar os novos desafios musicais que, desta feita, seriam marcados pela busca de um formato, ao mesmo tempo, moderno e popular, de preferência dançante, tendência que passava a predominar na música urbana do mundo inteiro naquela época (época do boom da indefectível 'Lambada').

O grupo é por fim muito bem sucedido nesta fase, encontrando com sua nova formação, composta por Spirito Santo (vocal solo e percussão), os retornados Lula Espírito Santo (baixo e vocal) e Carlos Codó (violão), além de Samuka, José Maria Flores (bateria) e Braz Oliveira (Guitarra) uma sonoridade muito aproximada do que buscava desde sua origem.

### **Dançando no ONU Center Wien**

Em 1989, com esta nova formação, o Vissungo faz então sua primeira viagem á Europa, realizando uma das melhores experiências de sua carreira no show na sede europeia da ONU em Viena, em benefício da Unicef para uma platéia totalmente composta por africanos, de todas as partes do continente, que dançavam, cada qual ao jeito de seu país, aquela mistura de música brasileira, guineense e moçambicana que o Vissungo apresentava.

A forte energia produzida pela curta, porém, intensa primeira experiência do Vissungo na Europa, não encontra, no entanto, grande respaldo com o retorno do Grupo ao Brasil. Envolvido em mais um de seus equívocos eleitorais o povo brasileiro acabara de eleger

para presidente, o aventureiro populista Fernando Collor de Mello que, após uma série de ameaças às ‘elites’, interrompia a maioria das iniciativas governamentais voltadas para o fomento da cultura. O intempestivo ato do ‘caçador de Marajás’, inviabilizava o trabalho de vários artistas e, praticamente, determinou a interrupção das atividades do Grupo Vissungo, que negociava com contatos da Funarte da época, a gravação de seu primeiro disco solo.

É quando surge o irrecusável convite do sociólogo italiano Tulio Aymone, da Facoltà de Economia de Modena, para que o Vissungo, a princípio representado por apenas dois de seus membros, Espírito Santo e Samuka, se apresentasse no Festival Internacional de Cultura do jornal do Partido Comunista italiano L’Unitá”, em Bologna. Foi assim que o Grupo Vissungo, cansado de guerra, decidiu, numa espécie de exílio voluntário, transferir-se de mala e cuia para a Europa.

A carreira européia do Vissungo se reinicia em julho de 1990, com a ida da dupla para Modena, Itália, afim de cumprir um contato para uma tournée de um espetáculo de música negra e dança afro-brasileira tradicional, cuja renda seria, em parte, revertida para a vinda do restante da banda.

Artisticamente muito bem sucedida, a tournée pelo norte da Itália – Modena, Bologna, Reggio Emília, Corregio, Carpi, Ímola, etc.- área na qual as tropas brasileiras combateram na 2a Guerra Mundial (o soldado José Cyrilo, pai dos irmãos Espírito Santo, entre elas), infelizmente, não teve uma renda suficiente para bancar o sonhado resgate dos membros da banda que ficaram no Brasil.

Transferindo-se para Viena, Áustria, após os quatro meses em que durou a experiência italiana, o Vissungo foi enfim recomposto com músicos locais, entre os quais o excelente guitarrista vienense Claudius Jelinek, o baixista uruguaio Pablo Solanas, o percussionista senegalês Jimmy Wolof e os brasileiros Ita Moreno (violonista) e Tatá Cavalcanti (baterista).

## Vissungo afro beat

Durando cerca de três anos, a carreira europeia do Vissungo, representou, como o fim de um ciclo, a realização do sonho original contido na proposta inicial do grupo, por uma música negra brasileira moderna, na qual não se abrisse mão daquelas raízes africanas mais profundas, proposta tão penosamente buscada no Brasil e enfim encontrada viva e pujante no mercado musical europeu, no qual o conceito mais moderno de música popular é aquele realizado pela maravilhosa fusão de ritmos africanos das colônias (Guiné, Senegal, Nigéria, Gana, etc.), com a música negra norte americana (Soul, Funk), conceito fundado pelo grande músico nigeriano Fela Kuti, e conhecido na África e na Europa genericamente como ‘Afro-beat’.

O resultado deste feliz, embora tardio, encontro do Grupo Vissungo com os sons africanos que lhe eram similares ou irmãos, pode ser felizmente mostrado em seu retorno definitivo ao Brasil em 5 de Novembro de 1995, num inesquecível espetáculo na Sala Cecília Meirelles, em comemoração ao mês de Zumbi de Palmares.

Para a nova formação do grupo, os dois únicos remanescentes da formação original (os irmãos Spirito Santo e Lula) recorreram a uma incrível fonte musical, de existência impensável na década anterior: Um núcleo de jovens músicos negros, com experiência em música pop adquirida em sua dedicação militante à reggae Music, congregados no Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, inegável foco da posterior ascensão do reggae no mercado pop brasileiro, com o KMD5 (banda depois rebatizada como Negril) e o Cidade Negra (antes liderada pelo polêmico Ras Bernardo).

Desta fonte maravilhosa e revigorante, foram arregimentados Lauro ‘Biko’ Farias, baixo (logo em seguida ‘roubado’ pelo O Rappa), Reinaldo Amancio (logo em seguida integrando o ‘Cabeça de

Nego'), além do fabuloso batera Jahir Soares, decano do reggae raiz carioca até os dias de hoje. Integraram também o Vissungo, neste seu último espetáculo, Welington Coelho (depois do Farofa Carioca) e Paulão Menezes (ainda hoje percussionista da banda de Bia Bedran)

Ali, diante de uma platéia entre surpresa e extasiada com a diferença gritante entre o som que o grupo trouxe da Europa e os sons da comedida música negra em voga no Brasil (onde o Reggae começava a pontificar), o Grupo Vissungo decidiu se recolher a sua significância, sabe-se lá até quando.

-----

Esta matéria, sendo sobre música, deveria conter um arquivo de áudio com o som do Vissungo.

Falha da época: Além do LP do disco com a trilha sonora do filme Chico Rey (talvez ainda não lançado em CD) e de faixas há pouco tempo inseridas num remix (este sim, em CD) do disco de Clementina de Jesus 'Canto dos Escravos', existe muito material gravado pelo Grupo Vissungo, espalhado por aí, em mídias diversas (a maioria deste material, está em suportes considerados hoje obsoletos, tais como fitas K7 e fitas VHS).

O acervo do grupo (centenas de horas de registros de áudio em fitas K7, negativos P&B e slides fotográficos) fruto de suas pesquisas de campo, até hoje razoavelmente conservado, contém também interessantes registros de shows e ensaios, no Brasil e no exterior, aguardando digitalização, missão sobre a qual, alguém terá que se debruçar um dia.

Legítimo produto artístico da inesquecível década de 70 do século 20, o Grupo Vissungo pode ser visto hoje, distanciadamente, como uma espécie de símbolo natural da privação de acesso ao mercado – e aos meios de produção e registro mais elementares – sofrida

por determinados artistas e grupos musicais brasileiros, antes do formidável advento desta atordoante revolução das mídias modernas, e seus meios e suportes democratizados (ou banalizados) como nunca o foram na história.

Como vinho envelhecido, o Vissungo andava ainda adormecido numa adega destas da vida, num quintal destes do mundo onde, brasa dormida, até hoje pulsam suas emoções, passíveis de serem digitalizadas, eternizadas, se tornando, portanto, imortais.

## Ana María Pedroso Guerrero



University of Bergamo, Italia.  
Specialized in Theory of Communication.  
History of Cuban Cinema.

**CUBA**

{Ana María Pedroso Guerrero

## Infinito

Sarebbe inutile saturare parole

Così come è inutile la distanza che intento mantenere dai tuoi passi

I miei occhi sono vuoti e l'odore di infinito

ha invaso tutta la casa nella stessa misura con cui tu hai invaso me

I tuoi odori si appressano ogni volta di più agli inseguitori del tempo

le tue parole sono bussole disorientate

Non voglio incontrarti

temo il disparire di tutti questi fantasmi

e che le tue mani non siano sufficientemente rosse

per sfidare la fantasia

Cosa hai fatto di me?

Perché ti sei impossessato delle mie ali sottomesse?



## Infinito

Sería inútil atestar palabras

Así como es inútil la distancia que intento mantener de tus pasos

Mis ojos están vacíos y el olor a infinito

ha invadido toda la casa en la misma medida en la que tú me has invadido

Tus olores se acercan cada vez más a los seguidores del tiempo

tus palabras son brújulas desorientadas

No quiero encontrarte

tengo miedo al desaparecer de todos estos fantasmas

y que tus manos no sean lo suficientemente rojas para

desafiar la fantasía

¿Qué has hecho de mí?

¿Por qué te has apoderado de mis alas sometidas?



## Pasos

Hay tantas cosas que nunca hicimos juntos

No estuvimos nunca juntos

No nos dimos ni siquiera un baño juntos en el mar

Uno de esos en los que se ve nacer el sol hacia las seis

y todo el frío se puede calmar

en un momento de los cuerpos

No caminamos nunca por la playa larga y eternamente

sin final con la oscuridad tomándonos la espalda

Y nuestros pasos sobre la arena

## Ríos

Cuántos sueños revoloteaban  
 a nuestro alrededor  
 pensábamos que caminar tomados de las manos  
 habría podido romper todos los encantamientos  
 Cuánta ingenuidad se desbordaba  
 de nuestros ríos  
 y de nosotros dos  
 como árboles entrelazados al vacío  
 se volaba  
 envueltos en aquella nube  
 habíamos olvidado nombres  
 nuestros deseos le corrían detrás a la soledad  
 de mis cabellos negros  
 ¿Dónde estás?  
 ¿Dónde están todas aquellas noches pasadas al sol?  
 Hemos hecho evaporar todas nuestras mariposas



**10CUBEART**  
 CUBA IN EUROPE ART ASSOCIATION

## Paulo Jardim



Poesias e contos.

Fotógrafo de vontade.

Funcionário Público com muito orgulho. Estar à frente nos contratempos faz toda diferença no trabalho. A isso chamam dedicação.

Aposentado. Cuidando da arte de expandir de dentro da invisibilidade perene.

**CEMITÉRIOS.**

De todos os templos criados  
 De todos os campos regados  
 Existe um mais sagrado  
 Que a todo vivente congrega;

De onde quer que venhamos,  
 Do modo que caminhamos,  
 Ali todos nós nos juntamos  
 Na derradeira entrega.

Entrega do que fizemos  
 Com gesto palavra e pensar.  
 Juntado o que tivemos  
 A tudo que aprendemos  
 Para outra vez tentar.

{ Paulo Jardim  
 Ali neste templo de vida,  
 No campo de florescer,  
 Deixamos a missão recebida,  
 Completa ou interrompida  
 Para afinal, morrer.

Pois morre o corpo primeiro  
 E o espírito vai derradeiro,  
 Prestar conta do Ser.

PJardim – 15/06/2012.

---



---

**UMA CINZA FRIA.**

(Homenagem a Manoel Bandeira)

Eu olho fixamente  
 Sobre a mesa à minha frente  
 Uma cinza distraída.

Morta e Fria, de toda esquecida,  
 Com pedaços de vida  
 Que se perdem por aí.

E nela, contemplativa,  
 Parecendo 'inda estar viva,  
 Restos de bem e de mal  
 Que há tempos eu vivi.

Carinhos que havia perdido,

Sonhos que foram esquecidos.  
Promessas que não se cumpriram.

Olhares que se calaram,  
Palavras que se fecharam,  
Gestos que me fugiram.

. . . na massa cinzenta maior,  
Como um corpo ressequido,  
O meu coração . . . e o pior,  
Pulsa ainda arrependido. . .

. . . bate um vento . . . a cinza desmonta  
Espalhando-se no chão. . .  
Minha mente então confronta,  
Num momento de juízo,  
A perda do paraíso  
Para o qual eu disse não. . .

A cinza já se desfez,  
Mas minhalma, outra vez,  
Chora o passado em vão.

PJardim – 23/09/2010.

**NAS RUAS.**

Nas ruas o combate ardente.  
 Correm canhões, corre gente,  
 Ardem olhares, narinas.  
 A densa fumaça encortina  
 O cruel contra a razão.  
 São tiros, são gritos... É o ódio  
 Que sobe orgulhoso no pódio  
 Vencido o amor pelo Não.  
 O Não que a regra ignora,  
 O Não que às leis desrespeita.  
 O Não que a decência devora  
 E a ordem Não mais aceita.  
 Impondo-se como tirano,  
 Discursa uma democracia  
 Que rouba por baixo dos panos  
 E a corrupção propicia.  
 Trabalhos desvalorizados  
 Enfrentam as bombas, o gás.  
 Deleitam-se os mesmos culpados  
 Nos vários poderes que faz  
 De réu o ser inocente,

Enquanto o ser delinquente  
Locupleta-se mais e mais.  
O sol testemunha a batalha  
Onde a razão é mortalha  
Das iras tão organizadas.  
Guerreiros cujas mãos vazias  
Se erguem em protestos e gritos  
Respiram em ardores, aflitos,  
Mas não desistem jamais.  
No vai e volta da vida  
Preferem a missão cumprida  
Sob a pressão corrompida,  
A desistir do direito.  
Carregam a maturidade  
Daqueles que contra a maldade  
Só têm a verdade no peito.  
As horas se passam nas ruas  
Viradas praça de guerra.  
A verdade vai ficando nua,  
Digerivelmente crua,  
E o confronto não se encerra...  
À noite, no fim da peleja,  
O inimigo planeja

Uma nova repressão.  
 Os combatentes cansados  
 Orgulhosos, reforçados,  
 Amanhã, lá estarão!  
 Um povo nunca é vencido  
 Se luta e trabalha unido,  
 Honrando a família e a Nação.

Paulo Jardim – 13/12/2016

---



---

### TEMPESTADE.

Como uma nau nas vagas da tormenta  
 A esperança ainda aguenta  
 Resistir por derradeiro.  
 Embora já sem direção, vagando na amplidão sem paradeiro.  
 A impressão de tudo ausente  
 Diz a ela que ela mente  
 Que há luz naquele porto.  
 A infinita caminhada  
 Carrega atravessada  
 O leme pesado e torto.  
 Entretanto ainda há vida  
 Entre tantos, perdida,

Na força daquele mar.  
Nas cores que a nevoa pinta  
Ainda que a onda minta  
Que tudo vai naufragar.  
E vida é adiante,  
Pra tudo no próximo instante  
Passo a passo o caminho.  
Assim o mar digladia,  
Nas ondas lâminas frias,  
Um espirito sozinho.

Paulo Jardim – 201116



Adriana Mayrinck.

Produtora cultural, fez faculdade de artes plásticas em Recife na UFPE, e jornalismo na Faculdade da Cidade, no Rio de Janeiro. Pai pernambucano e mãe carioca, dividida entre as duas cidades desde que nasceu, fez do destino uma ponte para fortalecer e fomentar a cultura e a arte.

Na poesia, transborda com sensibilidade o olhar para o lado de dentro, do ser, mulher, com suas inquietações, calma e ardências.

## Espera

O olhar flameja.

Fulguras.

Ondas de ir e vir serenam na beira-mar.

Tudo resplandece nela.

Turbulências e vendavais deslocam-se para o distante do tempo.

Caleidoscópios, reflexos, sombras, luz.

Há magia.

O lado oculto desperta.

Reage.

Entrega.

Ave longínqua sobrevoa na imensidão do in-existir.

Busca aromas.

Espelha-se nela.

{Adriana MaYrink - In-Finita

Flores e Perfumes flutuam na liquidez do instante.

Na intensidade do sentir nada define-se.

O olhar arde.

O coração pulsa.

O vento irradia.

E ela inebriada pelo im-palpável,

espera.

## Sede

O corpo permanece adormecido,

no ópio de um sonho bom.

As palavras borbulham,

querem derramar em corredeiras.

Retenho-as.

Por entre sorrisos que findaram

nas sombras da noite

e no vácuo do sono,

que solitariamente dissolve instantes,

desfaço-me.

Amanheço empurrada para a vida,

entontecida

por um desejo que me consumiu.

E como tudo o que é farto e não sacia  
Tropeço nos raios de sol,  
ofuscada pelos ecos que ficaram.

---

---

## Sem resistências

Os ecos dos pássaros com suas melodias  
despertam-me do sono,  
A cada dia, algo se transforma em mim.  
O tempo chega mais perto.  
Ouço sussurros no vento.  
A alma revela-se para o Outro sem resistências.

Desnudo-me.

---

---

## Em brasas

O corpo em ardências  
entrega-se à água que transborda dos céus,  
em pingos intensos e constantes.  
O cabelo molhado balança ao vento  
por entre passos cadenciados,  
no ritmo da melodia que se ouve ao longe.  
Escaldante pelo lado de dentro,  
derrete-se ao contato da chuva refrescante.

Espera o encontro, com inquietação  
 e sorriso nos lábios,  
 no espaço das horas,  
 dá a mão ao sol,  
 Em brasas

---

## Harmonia

Entre tempos, palavras e poesia,  
 em uma viagem ao lado de dentro percorri  
 o impalpável.

Na retina entrei no túnel da existência  
 e recolhendo cacos,  
 pedregulhos, deixei fragmentos perdidos.  
 No tempo do agora uma harmonia que reluz,  
 e faz levitar.

Outrora andava por entre vendavais.  
 Revivida, ofuscada por raios luminosos,  
 brilho além do olhar.  
 Meu querer é exato e meus passos, firmes.  
 Entorpecida por voz, presenças, melodias,  
 não me perco por labirintos.  
 O caminho está marcado.  
 Nos segundos devorados,

o vento conduz desejos,  
 por entre bocas, mãos, afagos.  
 Não sonho, sinto.

---

## Incandescente

Ultrapasso a fronteira da im-permanência  
 e deixo-me conduzir pelo vento. Urgente.

Percorro caminhos pisando firme sob as águas ondulantes e  
 salgadas que me conduzem pela imensidão azul.

Respiro maresia.

Não sei onde vou chegar.

Entrego-me ao acaso como a lava incandescente  
 que se abriga no vulcão inerte, até ser expulsa,  
 no pulsar involuntário do que não se controla ou prevê.

Eu, revestida de sol. Ela, o meu lado de dentro, latente.

Sou brasa viva.

E na espreita do que não se pode acelerar, sigo junto com o  
 tempo. Não misturo-me a outras palavras.

Integro-me ao que se faz essencial.

Há a água para abrandar a sede do que não se sacia.

Há o ar, para acalmar o arfar, inquietante.

Há a terra, para abrigar minhas raízes.

E há o fogo...

Busque ir além do olhar.

Nada se revela no meu mais convidativo sorriso.

Mergulhe fundo.

Se realmente quiser desvendar as entrelinhas

Apenas um toque seu, pode incendiar a poesia.

## Agonias

E todos os ventos fundiram-se em redemoinhos.

Em labaredas incandescentes, a lembrança do fogo  
que crepitava em nosso olhar.

A ventania, arrastou-a para longe.

Ele, silenciou.

As noites de escuridão total consumiram-na.

Mas o sol ainda queimava a cada dia, tragando-a.

Debatia-se entre a noite e o dia.

Ressurgia.

Foram inúmeros os dias de inquietação.

Mares e agonias.

Pedras.

Mergulhou no fundo de si mesma.

Amou.

**A-mar**

A pele queima no asfalto efervescente.

Raios solares ofuscam e sigo cega  
acompanhada pela minha inquietação.

Um sentir em ebulição é retido pelos poros.

Implosão.

Sufoco desejos em teu nome.

Espero.

E será vasta essa necessidade de amar.

Tão longínquo e tão certo.

Revisto-me de tua presença - por dentro.

E tropeço em meus próprios passos,  
nesse caminho tortuoso de te encontrar.

Consome-se o tempo e todas as vontades  
de ser- estar- permanecer.

Permaneço ancorada em teu coração.

Ilusão.

Dias de calma e reflexos.

Noites de tormentas e temporais.

E seguindo pelas horas desconheço-me.

Mas sou.

E tudo arde num sopro gélido que vem de longe.

Palavras fixam horizontes entre o que se é

e o que oculta-se.

Redemoinhos.

Vejo aridez, sinto devastação.

Mas a floresta é de um verde escuro quase negro  
e esconde segredos do outro lado que não posso chegar.

Igual ao teu olhar.

Mas há o mar...

e nele jogo-me entre rochas e ondas violentas -absoluta.

Entrego-me a esse inebriante momento em que deixo-me  
evaporar.

Liberto-me das sombras que vagam  
e que empurram-te para desvios e atalhos.

Estou aqui.

Seguro tua mão, entre pedras, sol e estrelas.

---

## **Areias do tempo**

Escorrego pela noite  
e caio dentro do sol,  
que queima as retinas.

Cega afasto teu olhar,  
que vem de longe.

Meus olhos ardem e sinto sede,  
na água salgada tento saciar  
o gosto amargo das ausências.

Ondas batem com violência  
na altura do coração,  
e as batidas confundem-se  
com o que há dentro  
e fora de mim.

Não quero sentir.

Deixo-me embriagar pela maresia  
e agarro o vento.

Esquecidos das palavras de outrora,  
somos conduzidos  
pelo silêncio dos dias.

Na inexistência das verdades,  
o perdido dissolve-se  
nas areias do tempo.

{Adriana MaYrink - In-Finita

---



---

## Re-canto

É mais do que um encontro, no meio das esperas  
É mais do que um desejo a realizar  
Não é fugaz  
Não é só um momento  
Não é só paixão  
É o calor que aquece as horas  
É a sintonia que completa, espaços  
É o olhar que se aprofunda e encontra reflexos  
É a luz que guia e clareia os instantes  
É a melodia, no canto dos pássaros  
É a profundidade e calma dos oceanos  
É o despertar do tempo que chegou  
É o querer em brasas que renasce, em chamas  
É o dia contado em eternidades,  
É a alma que pousou

É a palavra amor, com significados  
 É unicidade e completude  
 É o jardim, que atrai borboletas  
 Espalha perfumes e chamamentos

É o meu corpo, o teu recanto  
 que abriga, acolhe, aconchega

E te faz voar !

Hoje o céu resolveu seduzir a terra.  
 A lua derreteu-se em luz e espalhou-se.

Árvores e flores pratearam-se.  
 Tudo é magia aqui.

Estrelas cadentes, vento bailando.

Melodia no silêncio.

Cheiros, percepções, sentidos, encantamento.

E a sua ausência.

---

## Corredeiras

Sentidos e palavras deságuam.  
 Rios de momentos findos escorrem para não voltar.  
 Lavada a alma, Ela busca intensidade. No olhar, nas mãos  
 deslizantes, no gesto que envolve, no calor que entorpece.  
 Nada é. E não está.  
 Vazios nas águas que deslizam sem rimas, nem versos.  
 Letras pingam invadindo a noite e rasgando o dia ...  
 Em esperas e esquecimentos.

Quimeras.



Cantor e compositor nascido e criado em Niterói, amante do blues e da MPB.

Naldo Duarte lançou seu primeiro CD intitulado "Na Memória" no Teatro Municipal de Niterói com a participação do guitarrista do Barão Vermelho.

---

## FRASES FEITAS

TANTAS FRASES FEITAS...

TANTO POR TE DIZER

MAS FALTOU O TEMPO

MAS FALTOU VOCÊ

SINTO TANTO MEDO

DE NUNCA ME ENCONTRAR

E VIVO ME ENGANANDO

AMOR DE BAR EM BAR

QUERENDO ME ACHAR

TODAS AS PESSOAS ME PARECEM IGUAIS

E AQUELE ANTIGO SENTIMENTO

JÁ NÃO ME SATISFAZ

HOJE EU ME ENCONTRO NA BEIRA DO CAIS

COM O FUTURO NA FRENTE

E O PASSADO ATRAZ

{Naldo Duarte

SER FELIZ É SER LIVRE

NAVEGAR....

NESSE MAR...

ME ENTREGO AOS VENTOS

EM QUALQUER DIREÇÃO

SOLTO OS SENTIMENTOS

AS BUSSULAS ME ENTENDERAO

CORTO OS MARES

ONDAS DE ILUSAO

BEIJOS FACEIS

VENHA QUALQUER PAIXAO

E EU VOU ME ENTREGAR

TODAS AS PESSOAS ME PARECEM IGUAIS

E AQUELE ANTIGO SENTIMENTO JÁ NÃO ME SATISFAZ...

HOJE EU ME ENCONTRO NA BEIRA DO CAIS

COM O FUTURO NAS MAOS E O PASSADO ATRAZ

SER FELIZ É SER LIVRE...

NAVEGAR...

NESSE MAR DE AMOR....

Autor: Naldo Duarte & Herval Silveira

**FOLHAS SECAS**

LEMBRO DAQUELE OUTONO

OS SONHOS CAINDO FEITOS FOLHAS SECAS

E EU ALI PARADO

VIVENDO

TUDO

MEU PASSADO AH SINTO

SUA FALTA LINDA , TEM-

PO QUE NÃO VOLTA AH

AH...

E AGORA É OUTRA ESTAÇÃO

O FRIO GE-

LOU MEU

CORAÇÃO

QUE ESEU,

ENADA VAI

MUDAR NIN-

GUÉM, OCUPA

OSEULUGAR

AH SINTO SUA FALTA, LINDA TEMPO

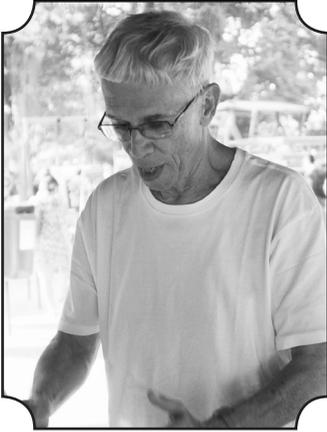
{Naldo Duarte

QUE NÃO VOLTA AH AH... E AGORA  
PERCEBER, QUE AS FLORES QUE FORAM  
PLANTADAS NOVAMENTE AS SINTO  
BROTANDO EM MEU PEITO

CADA FLOREXPRIME OSENTIMEN-  
TO QUELHETRAGO SINTO O TEU  
CHEIRO PRESENTEANDO O MEU  
OLFATO... AH NOVAS SÃO ASCORES...  
LINDA, PRA VELHOS AMORES....AH AH..

Autor: Herval Silveira & Ronei Rocha





José Glauco Ribeiro Tostes, Prof. Titular aposentado da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior do Estado do Rio

---

## UM BREVE PANORAMA DE DUAS GRANDES INFLEXÕES NA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL: SÉCS. XVI-XVII E SÉCS. XX-XXI

*José Glauco Ribeiro Tostes, Prof. Titular aposentado da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro) no interior do Estado*

{Jose Glauco Ribeiro Tostes

Nós almejamos, neste breve texto, mostrar um painel ou desenho de civilização ocidental e suas relações com o processo de crescentes problemas socioambientais globais. Presentemente, pela primeira vez na história das civilizações nós estamos realmente enfrentando desafios civilizacionais globais. Deixando de lado, em prol da simplificação, a Antiguidade clássica e a Idade Média, o estágio moderno da civilização ocidental, que terminaria por levar a Europa, seguida pelos Estados Unidos, a uma hegemonia político-econômica mundial, foi disparado por volta do início do séc. XVI. No lado “material” (econômico) da história, aconteceu, ao longo daquele século, um processo de monumental mudança ou inflexão europeia de bacia oceânica, a partir do “pequeno oceano” medieval do Mediterrâneo em direção ao imenso Oceano Atlântico e às Américas, que viu nascer o capitalismo (Marx e Engels, 1850; Marx, 1858). Pelo lado “imaterial” da história – articulado com

aquelas mudanças materiais – aconteceu uma profunda inflexão na razão ocidental: nasceu a ciência moderna, centrada no “método científico” de Bacon e na separação cartesiana homem-natureza do séc. XVII. Este processo, simultaneamente material e imaterial, levaria, no séc. XVIII, ao projeto europeu Iluminista de civilização. Desde o sec. XIX aquele projeto alavancou um sistema econômico – o capitalismo industrial – que gerou um imenso desenvolvimento tecnológico, grandes ondas alternadas de emprego/desemprego, uma extrema acumulação de riqueza atrelada a imensos desníveis de renda em relação a grande parte da população planetária (desigualdade social) e gigantescas crises econômicas. Tais crises (particularmente as crises de 1929 e 2008), por sua vez, “ajudaram” e “ajudam” a promover uma gigantesca crise ambiental (que por sua vez reage de volta sobre a esfera material econômica) em curso, destacando-se aí os efeitos do aquecimento global. Tal trajetória capitalista bicentenária – que hoje podemos denominar de trajetória não-ecológica – de profundas contradições articuladas entre si, pode estar empurrando o extremamente competitivo sistema econômico para seus limites últimos. Por quê? Aqui, mais uma vez, está em curso – a partir do lado material da história, tal como previsto por Marx e Engels (1850) – uma nova e monumental mudança de bacia oceânica. Da bacia do Atlântico (esfera da tradicional hegemonia geopolítica dos EUA e UE) para a bacia do Pacífico (nova esfera de hegemonia geopolítica dos EUA e da China), aquela mudança pode também empurrar o capitalismo para seus limites últimos já que, como a Terra é redonda, as reservas mundiais de (exploração de) trabalho “barato” estão caminhando para seu fim (Marx, 1858). E uma vez novamente – a partir do lado imaterial da história e articulado com aquela grande mudança material capitalista de bacia – está em curso um conflito entre o velho pensamento científico (o pensamento Newton-cartesiano) e um novo pensamento científico (o pensamento sistêmico ou da complexidade).

{Jose Glauco Ribeiro Tostes

Deixo para uma outra discussão sobre como essas grandes transformações globais materiais-imateriais, partindo do centro dominante do sistema-mundo capitalista, estão profundamente en-

trançadas no atual e desastroso estágio da história deste país de periferia, Brasil, bem como estão moldando – à revelia da grande maioria da nossa apática população – nosso futuro próximo, para dizer o mínimo.

## CITAÇÕES

K. Marx e F. Engels, “Neue Rheinische Zeitung, Politsch-Oekonomische Revue”, outubro (1859)

K. Marx, carta a Engels, 08/10/1858

**PAULO MENEZES****FORMAÇÃO**

Sou de formação auto-didata e estudei em métodos de músicos e professores como Maria Luisa de Mattos Priolli, Antonio Adolfo, Almir Chediak, Paul Hindemith, Nelson Faria e Tomás Improta. Tive a oportunidade de ter aulas particulares com o grande músico e mestre do contrabaixo acústico, professor Paulo Russo.

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

professor de Violão Popular e Contrabaixo Elétrico desde 1979;

voz e violão em grupos de MPB;

contrabaixo em algumas bandas de rock;

shows em diversas casas noturnas do Rio de Janeiro nos anos 80, entre elas, o Restaurante Café Un Deux Trois, no Leblon, sob o comando do pianista Ely Arcoverde e o Bar Let It Be em Copacabana, acompanhando o roqueiro Serguei;

atualmente toca na banda Ícones do Progressivo.

(21) 99465-8177 (Tim) | (21) 97214-5859 (Vivo)

# ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA RIO DE JANEIRO BRASIL



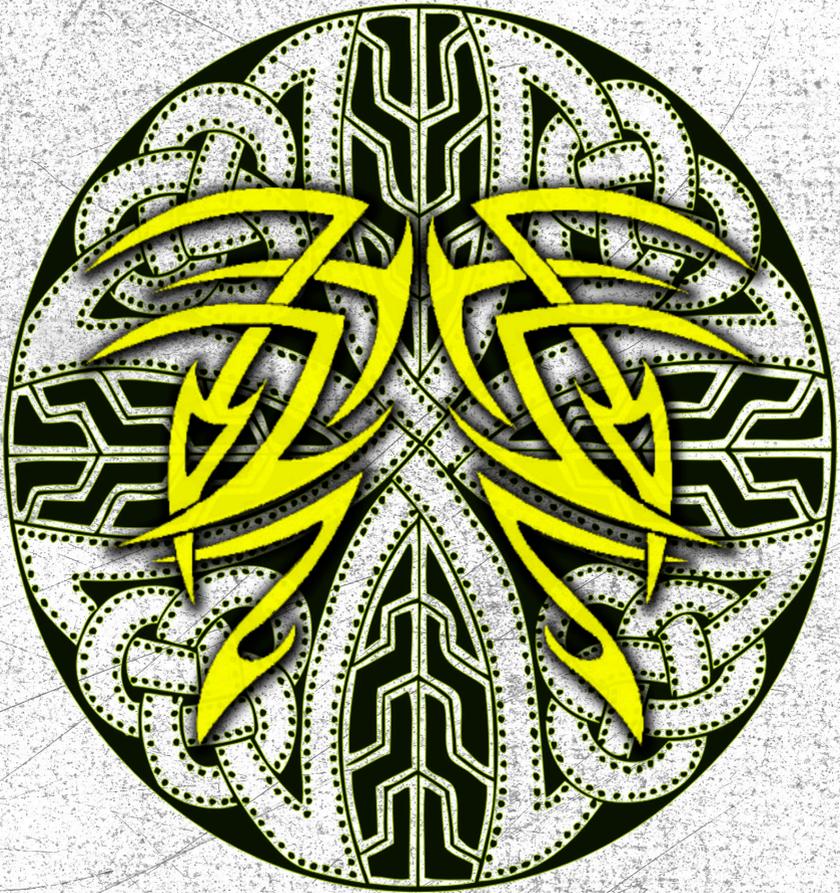
**MESTRE GIL**

**MESTRE SOMBRA**



Fanzine  
Aefarrabios

Novembro de 2017



Cultura Negra no Brasil